CAPÍTULO 6

RAÇA E ORIGEM SOCIAL

O PAPEL DAS CARACTERÍSTICAS DO PAI *VERSUS* DA MÃE E DA CLASSIFICAÇÃO RACIAL NA ESCOLARIDADE

Letícia Junqueira Marteleto
Ana Paula de Andrade Verona
Cristina Guimarães Rodrigues

Introdução

Ao longo do século passado, o sistema educacional brasileiro apresentou uma expansão significativa, com um aumento generalizado da média de escolaridade da população.[1] Entretanto, a educação no Brasil apresenta problemas estruturais investigados por várias correntes. Sociólogos, educadores, estatísticos e economistas têm pesquisado as causas da baixa média relativa de anos de escolaridade, além da alta desigualdade educacional da população. Atualmente, os estudos elaborados por educadores e sociólogos têm enfatizado o papel da escola como agente importante em relação à eqüidade educacional, além do papel da qualidade educacional (Soares; Collares, 2006, por exemplo). A nota do aluno em testes padronizados tem sido uma forma de avaliar qualidade e desigualdades educacionais. A tradição sociológica se baseia principalmente na explicação da alta correlação entre a educação e a ocupação dos pais e dos filhos, e se refere também ao debate sobre os distintos papéis da família *versus* da escola como determinantes do sucesso educacional, seja ele medido através de nota ou de anos de escolaridade completos (*attainment*).[2] Por outro lado, a literatura econômica tem enfatizado o papel da estratificação educacional como fonte geradora de desigualdade de renda. Outras características dessa desigualdade educacional também foram examinadas, como as grandes discrepâncias regionais.

Este trabalho tem dois objetivos. Primeiro, investigar se a forma de declaração da raça/cor afeta as estimativas de escolaridade de coortes adultas. Baseamo-nos em dois tipos de coleta de informações sobre raça/cor (autoclassificação *versus* percepção do entrevistador) e verificamos se a raça/cor influencia a escolaridade de forma diferenciada. Esta análise contribui para um melhor entendimento acerca da discriminação racial, uma vez que esta é socialmente estabelecida e

percepção do entrevistador. Uma das conclusões de Telles e Lim (1998) é de que a desigualdade de renda entre os grupos raciais é menor quando a auto-classificação é considerada.

Outro estudo que considera as duas formas de declaração sobre raça/cor é o de Telles (2003). Segundo o autor, estudos que se baseiam na autoclassificação do informante acabam por subestimar a extensão da discriminação entre raças na sociedade brasileira. Wade, citado por Telles nessa mesma obra, observou que a autoclassificação de uma parte dos pardos, que na verdade são negros,[5] provoca uma superestimação da discriminação contra os pardos. Isso porque os negros que se autoclassificam como pardos são aqueles com *status* socioeconômico mais alto, já que "o dinheiro pode tornar uma pessoa mais branca em sua classificação racial" (Telles, 2003, p. 229). Um dos resultados encontrados por Telles é de que os brancos possuem vantagens sobre os pardos e negros, quando se analisa a renda real. Contudo, essas vantagens se devem principalmente às diferenças educacionais e regionais entre as raças.

Características maternas e paternas: origem social

A escolaridade do indivíduo é também estudada segundo características paternas. Um fator extremamente importante na determinação da escolaridade é a origem social, composta pela educação e ocupação dos pais, e que também pode incluir sua renda. Esta pode ser comparada com a escolaridade dos filhos, indicando assim, se estes estão em melhor, pior ou na mesma situação educacional de seus pais.[6] A educação paterna é reconhecida como uma medida do efeito dos atributos paternos no desempenho educacional dos filhos. São muitos os mecanismos através dos quais educação paterna e educação dos filhos são reproduzidos.[7]

A teoria sociológica introduziu o papel dos padrões e expectativas de comportamento como mecanismos relevantes na determinação da educação (Sewell; Shah, 1968) além do arcabouço do alcance da posição social (Blau; Duncan, 1967). De acordo com essa abordagem, a educação do filho é fortemente correlacionada com a educação dos pais, porque aqueles com alta escolaridade tendem a transmitir padrões de comportamento e nutrir expectativas mais altas em relação à escolaridade dos filhos. Entre esses padrões de comportamento e expectativas incluem-se os recursos culturais, valores sociais – como boas maneiras – e habilidades lingüísticas que permitem que filhos de pais mais educados tenham maior sucesso na escola (Portes, 1998). Um pressuposto que guia essa abordagem é de que as condições econômicas e sociais em que pais e filhos se encontram influenciam de maneira significativa as decisões educacionais. Dessa forma, as estruturas socioeconômica e demográfica definem tanto as oportunidades quanto as restrições que pais e filhos encontram para tomarem decisões sobre educação formal.

percepção do entrevistador. Uma das conclusões de Telles e Lim (1998) é de que a desigualdade de renda entre os grupos raciais é menor quando a auto-classificação é considerada.

Outro estudo que considera as duas formas de declaração sobre raça/cor é o de Telles (2003). Segundo o autor, estudos que se baseiam na autoclassificação do informante acabam por subestimar a extensão da discriminação entre raças na sociedade brasileira. Wade, citado por Telles nessa mesma obra, observou que a autoclassificação de uma parte dos pardos, que na verdade são negros,[5] provoca uma superestimação da discriminação contra os pardos. Isso porque os negros que se autoclassificam como pardos são aqueles com *status* socioeconômico mais alto, já que "o dinheiro pode tornar uma pessoa mais branca em sua classificação racial" (Telles, 2003, p. 229). Um dos resultados encontrados por Telles é de que os brancos possuem vantagens sobre os pardos e negros, quando se analisa a renda real. Contudo, essas vantagens se devem principalmente às diferenças educacionais e regionais entre as raças.

Características maternas e paternas: origem social

A escolaridade do indivíduo é também estudada segundo características paternas. Um fator extremamente importante na determinação da escolaridade é a origem social, composta pela educação e ocupação dos pais, e que também pode incluir sua renda. Esta pode ser comparada com a escolaridade dos filhos, indicando assim, se estes estão em melhor, pior ou na mesma situação educacional de seus pais.[6] A educação paterna é reconhecida como uma medida do efeito dos atributos paternos no desempenho educacional dos filhos. São muitos os mecanismos através dos quais educação paterna e educação dos filhos são reproduzidos.[7]

A teoria sociológica introduziu o papel dos padrões e expectativas de comportamento como mecanismos relevantes na determinação da educação (Sewell; Shah, 1968) além do arcabouço do alcance da posição social (Blau; Duncan, 1967). De acordo com essa abordagem, a educação do filho é fortemente correlacionada com a educação dos pais, porque aqueles com alta escolaridade tendem a transmitir padrões de comportamento e nutrir expectativas mais altas em relação à escolaridade dos filhos. Entre esses padrões de comportamento e expectativas incluem-se os recursos culturais, valores sociais – como boas maneiras – e habilidades lingüísticas que permitem que filhos de pais mais educados tenham maior sucesso na escola (Portes, 1998). Um pressuposto que guia essa abordagem é de que as condições econômicas e sociais em que pais e filhos se encontram influenciam de maneira significativa as decisões educacionais. Dessa forma, as estruturas socioeconômica e demográfica definem tanto as oportunidades quanto as restrições que pais e filhos encontram para tomarem decisões sobre educação formal.

Além da educação dos pais como um fator de grande importância na educação dos filhos, a literatura sociológica também aponta para a ocupação como componente da origem social, especialmente a do pai, e como um determinante fundamental do nível educacional dos filhos[8] (Pastore; Valle Silva, 2000; Bosch; Tan, 2001). Pais com um *status* ocupacional mais alto transmitem sua experiência de vida, atitudes e expectativas que possibilitam mais oportunidades de aprendizado e que contribuem para aumentar o *status* educacional dos filhos (Broucker; Lavallé, 1998).

Na literatura tradicional de estratificação social, as características maternas não são levadas em conta principalmente, por duas razões. Primeiramente, pela falta de informação materna em algumas pesquisas, e, mais importante, pelo fato de o papel feminino ter sido, até há pouco tempo, predominantemente a produção doméstica. Logo, os níveis de escolaridade e ocupação femininos não seriam tão relevantes como o dos pais.

No entanto, a média de escolaridade feminina tem apresentado uma trajetória de crescimento nas últimas décadas, o que conseqüentemente mudou a participação das mulheres no mercado de trabalho. Em um estudo realizado por Marteleto e Miranda (2004) com dados da PNAD de 1977 a 1999, observou-se que a média educacional feminina já superava a masculina em 0,35 anos no final do período analisado. Eles enfatizaram que essa superação é um fenômeno da década de 90, sendo constatada pela primeira vez no ano de 1990. Considerando a análise de coorte que Marteleto e Miranda (2004) realizaram, foi verificado que nas coortes da primeira metade do século XX a média de escolaridade masculina superava a feminina. Esse cenário foi revertido, a favor das mulheres, a partir das coortes nascidas na segunda metade do século passado. Tais resultados, demonstrando que as mulheres ultrapassaram os homens em relação à média educacional, levam a crer que é indispensável estudar a influência materna no desempenho educacional ou ocupacional do filho.

A literatura especializada observa uma relação positiva entre educação dos pais e dos filhos, que ainda são crianças e muito jovens, principalmente quando se trata da educação materna (Lam; Duryea, 1999; Marteleto, 2001). De acordo com Lam e Duryea (1999), evidências empíricas de países desenvolvidos e em desenvolvimento confirmam uma forte relação positiva entre educação materna e sobrevivência, saúde e o desempenho educacional dos filhos. Os efeitos da educação do pai tendem a ser positivos também, embora sejam menores, em geral, do que os da educação da mãe.

A raça/cor dos pais é incluída na análise na forma de combinações entre raça/cor do pai e raça/cor da mãe. A discriminação racial sofrida pelos pais do informante pode ajudar a explicar o desempenho educacional dos filhos. Esperamos que a combinação de raça/cor dos pais e a raça/cor do filho ainda seja importante determinante do seu nível de escolaridade. Isso significaria uma

penalidade dupla para famílias de grupos raciais desfavorecidos: aquela relativa à raça/cor dos pais e a relativa à raça/cor do indivíduo, caracterizando, assim, uma transmissão intergeracional da desigualdade racial.

Descrição dos dados e amostra utilizada

Utilizando dados da Pesquisa da Região Metropolitana de Belo Horizonte (PRMBH) de 2002, esta pesquisa foi conduzida pelo Centro de Pesquisas Quantitativas em Ciências Sociais (Cepeqcs) da Fafich/UFMG. Os dados foram obtidos por amostragem probabilística em múltiplos estágios. A amostra utilizada apresenta um total de 1.029 pessoas que moravam na Região Metropolitana de Belo Horizonte em 2002. Esses dados são apropriados para o nosso trabalho porque contêm variáveis demográficas, sociais e econômicas como sexo, idade, escolaridade, além de um experimento feito com a variável raça/cor do indivíduo e, ainda, informações paternas e maternas sobre ocupação, raça/cor e escolaridade.

A única restrição imposta na nossa amostra analítica foi em relação à idade do informante. Isto é, foi feito um corte no qual pessoas entre 18 e 24 anos de idade foram retiradas da amostra. Como uma parte considerável de jovens nessa faixa etária ainda não completou seu processo educacional, a inclusão desses indivíduos poderia comprometer a estimativa do nível final da escolaridade das coortes. O recorte etário diminuiu a amostra para 870 pessoas.

Antes de iniciar a descrição da amostra analítica utilizada neste capítulo é necessário ressaltar que a PRMBH dividiu a amostra em dois questionários, sendo que a diferença entre eles é oferecer a resposta pardo (questionário A) ou moreno (questionário B). Em parte da nossa análise, optamos por usar cada uma das duas amostras, separadamente, porque um dos objetivos do trabalho é justamente comparar se existem diferentes relações entre raça e escolaridade, considerando os termos pardo ou moreno. Foram obtidos um total de 525 questionários Tipo A e 504 questionários Tipo B.[9]

Utilizamos também outras duas variáveis sobre a raça/cor do indivíduo, coletadas pela PRMBH: a autodeclaração e a percepção do entrevistador. A comparação entre as respostas de tais variáveis permitiu uma análise sobre a discordância entre as duas declarações, o que pode trazer diferentes interpretações para os resultados do impacto da raça/cor do indivíduo na sua escolaridade.

É muito importante salientar que na análise descritiva são utilizados os pesos amostrais que fazem parte do banco.[10] Foram utilizados pesos construídos para cada questionário, exceto na Tabela 6.2, na qual foi usado o peso para a amostra

total. A seguir serão analisadas características socioeconômicas dos entrevistados e de seus pais. Variáveis como sexo, idade (a partir de coortes de nascimentos), raça/cor e escolaridade do informante são consideradas, assim como raça/cor e escolaridade dos pais.

Tabela 6.1

Características socioeconômicas do informante – questionários A e B

(continua)

Características	Questionário A		Questionário B	
	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
Sexo	47,89	52,11	47,89	52,11
Raça/cor (autodeclaração do entrevistado)				
Branco (a)	43,82	38,21	37,22	44,95
Preto (a)	5,72	6,18	5,33	5,17
Pardo (a)	49,65	54,92	56,01	49,28
Amarelo (a)	0,34	0,69	0,30	0,60
Indígena	0,47	-	1,14	-
[N]	200	323	207	295
Raça/cor (percepção do entrevistador)				
Branco (a)	32,02	32,71	25,74	33,57
Preto (a)	14,21	14,67	15,86	13,77
Pardo (a)	52,33	51,12	58,01	51,74
Amarelo (a)	1,24	-	0,38	0,65
Indígena	-	1,50	-	0,26
[N]	198	323	207	295
Coortes de nascimentos				
1972-1976	16,24	15,13	14,82	15,55
1967-1971	19,27	12,11	9,82	10,95
1962-1966	7,25	13,45	16,58	16,25
1957-1961	17,91	13,42	13,52	10,30
1952-1956	8,75	12,33	12,07	14,27
1947-1951	4,37	8,08	10,46	7,89
1952-1946	9,66	6,84	5,90	4,56
1937-1941	6,64	5,76	4,79	5,46
1936 e antes	9,91	12,87	12,04	14,76
[N]	167	266	175	262

Tabela 6.1
Características socioeconômicas do informante – questionários A e B

(conclusão)

Características	Questionário A		Questionário B	
	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
Anos de estudos				
0	2,94	6,56	5,68	5,73
1	1,20	4,90	2,51	1,42
2	2,61	3,88	4,24	5,04
3	6,66	3,33	3,76	6,58
4	8,03	14,61	17,54	13,71
5	5,29	4,83	1,40	5,94
6	5,65	6,75	4,11	1,57
7	5,66	2,92	5,97	4,31
8	8,58	10,00	11,07	12,43
9	4,33	2,47	3,88	3,17
10	6,21	3,56	7,66	2,71
11	26,68	19,94	18,01	20,97
12 a 14	2,30	5,04	4,93	2,56
15 ou mais	13,86	11,21	9,23	13,85
[N]	181	310	195	285

Fonte: PRMBH, 2002.

Em relação à distribuição por sexo, nota-se que na amostra de pessoas com 25 anos e mais, as mulheres representam 52,11% dos questionários A e B.[11] É interessante fazer a análise das variáveis socioeconômicas por sexo a fim de verificarmos se existem diferenças marcantes entre eles. A Tabela 6.1 também apresenta informações sobre raça/cor dos entrevistados segundo sua autoclassificação. Essa variável está dividida nas classificações: branco, preto, pardo, indígena e amarelo. A resposta sobre essa variável a partir da percepção do entrevistador é apresentada logo em seguida. A autoclassificação da raça/cor e a classificação a partir da percepção do entrevistador, muitas vezes, apresentam resultados diferentes. De acordo com Telles (2003), a segunda é mais apropriada para determinar desigualdades raciais e explicar os resultados no mercado de trabalho. Isso porque, segundo o autor, a autoclassificação pode subestimar a discriminação racial na sociedade brasileira.

Pela análise da Tabela 6.1 é possível notar diferenças significativas entre a autodeclaração e a percepção do entrevistador. Ao comparar as respostas, separadas pelos questionários A e B, sobre a raça/cor do informante, a partir da autoclassificação e da percepção do entrevistador, notamos que aproximadamente

43,82% e 37,22% dos homens, e 38,21% e 44,95% das mulheres das amostras A e B, respectivamente, são brancos, se for considerada a resposta do informante. Quando se observa a opinião do entrevistador, tem-se que 32,02% e 25,74% dos homens, e 32,71% e 33,57% das mulheres são classificados como brancos. Ou seja, há uma tendência à autodeclaração branca, o que corrobora estudos anteriores sobre o tema.

A Tabela 6.1 também separa a amostra em coortes de grupos etários qüinqüenais de nascimentos, que variam entre aqueles informantes que tinham de 25 a 29 anos até 65 anos ou mais no ano da pesquisa (2001). Ou seja, coortes de pessoas que nasceram em 1936 ou antes, até pessoas que nasceram entre 1972 e 1976. Percebe-se, na amostra analítica utilizada (que não considerou pessoas com menos de 25 anos), que aproximadamente 53,67% e 54,74% dos homens entrevistados, e 54,11% e 53,06% das mulheres dos questionários A e B, respectivamente, têm entre 25 e 44 anos de idade. Ou seja, mais da metade dos informantes são das coortes de nascidos entre 1957 e 1976.

Para medir a escolaridade do informante, foi criado um algoritmo a partir das variáveis de educação existentes no banco de dados, como dito anteriormente. Assim, foi possível ter uma estimativa dos anos de estudo completos da amostra considerada. A distribuição varia entre 0 e 15 anos ou mais de estudos. Na Tabela 6.1 verifica-se que a proporção de homens em níveis mais altos de escolaridade (11 anos ou mais) é maior do que das mulheres quando se considera o questionário A. Por outro lado, as mulheres possuem um nível educacional maior do que os homens no questionário B.

A Tabela 6.2 apresenta dois cruzamentos empregando dados de raça/cor, considerando primeiramente informações da autoclassificação e, em seguida, da percepção do entrevistador. Esses dois cruzamentos foram feitos com a intenção de observar a possível discordância entre as informações de raça/cor do indivíduo, quando consideramos as duas formas de classificação racial: autoclassificação e classificação do entrevistador. A Tabela 6.2 foi construída a partir dos dados da amostra total, ou seja, ela considera conjuntamente os questionários A e B. Nesse exercício foram considerados somente os brancos, pardos e pretos, dada a pouca representatividade amostral das demais categorias raciais,[12] como evidenciado na Tabela 6.1.

Na primeira parte da Tabela 6.2 (informações da autoclassificação), as porcentagens somam 100% em cada linha, e no final de cada uma é apresentado o valor absoluto para cada categoria da autoclassificação. Por exemplo, 352 indivíduos se autoclassificaram como de raça/cor branca. Desse total, 47,74%, 35,97% e 16,29% foram classificados pelo entrevistador como de raça/cor branca, parda e preta, respectivamente. Na segunda parte da Tabela 6.2 (classificação do entrevistador), os percentuais devem ser somados por coluna. Por exemplo, de 280 pessoas classificadas pelo entrevistador como de raça/cor branca, 59,93%, 29,39% e 10,69% se autoclassificaram como de raça/cor branca, parda e preta, respectivamente.

Tabela 6.2
Cruzamento entre as informações de raça/cor usando a autoclassificação e a percepção do entrevistador – amostra total

Informações da Autoclassificação*

Autoclassificação	Classificação do entrevistador			
	Branco (a)	Pardo (a)	Preto (a)	Total
Branco (a)	47,74	35,97	16,29	167
Pardo (a)	18,48	69,77	11,75	234
Preto (a)	57,50	27,50	15,48	24

Informações do Entrevistador**

Autoclassificação	Classificação do entrevistador			
	Branco (a)	Pardo (a)	Preto (a)	Total
Branco (a)	59,93	28,02	48,67	140
Pardo (a)	29,39	68,86	44,48	223
Preto (a)	10,69	3,12	6,85	63

Fonte: PRMBH, 2002.
* Os valores somam 100% na linha
** Os valores somam 100% na coluna

É possível observar, na primeira parte da Tabela 6.2, que 47,74%, 69,77% e 15,48% dos indivíduos que se autoclassificaram como branco, pardo e preto, respectivamente, receberam a mesma classificação dada pelo entrevistador. Essa seqüência representa a diagonal principal da primeira parte da Tabela 6.2. No triângulo acima dessa diagonal é observado um "embranquecimento" da informação sobre raça/cor dada pelo entrevistado, quando comparada à percepção do entrevistador. Por exemplo, 35,97% das pessoas que se autodeclararam como de raça/cor branca, foram classificadas pelo entrevistador como pardas. Nesse triângulo (acima da diagonal) há uma preferência por parte do informante em se autoclassificar em uma raça/cor mais clara do que a correspondente à percepção do entrevistador. No triângulo abaixo da diagonal principal acontece o contrário. Nesse caso, há um "escurecimento" da autodeclaração do informante em relação à percepção do entrevistador. Por exemplo, 18,48% das pessoas que se autodeclaram como de raça/cor parda foram classificadas como de raça/cor branca pelo entrevistador.

A segunda parte da Tabela 6.2 apresenta o cruzamento entre as informações de raça/cor considerando primeiramente a percepção do entrevistador. Assim, 59,93%, 68,86% e 6,85% das pessoas que foram classificadas pelo entrevistador como de raça/cor branca, parda, e preta, se autoclassificaram

com a mesma raça/cor. O triângulo acima da diagonal principal mostra um "escurecimento" dos informantes segundo a percepção do entrevistador em relação à autoclassificação. Analogamente, o triângulo abaixo dessa diagonal apresenta um "embranquecimento". A Tabela 6.2 também apresenta a baixa coincidência em relação à autodeclaração e a declaração segundo o entrevistador quando se considera a categoria raça/cor preta. Apenas 16% das pessoas que se autodeclararam como de raça/cor preta também foram declaradas como tal pelo entrevistador. Quando consideramos primeiramente a opinião do entrevistador, temos que 7% das pessoas classificadas como de raça/cor preta também assim se declaram.

Além disso, a coincidência entre as informações da autoclassificação e da percepção do entrevistador (mostrada pelas diagonais principais) é relativamente baixa (a não ser quando consideramos a categoria pardo). Esse resultado nos leva a inferir que o modo como a informação da raça/cor do indivíduo é coletada faz diferença nos resultados de classificação racial.

Considerando agora as informações paternas, pode-se observar, a partir da Tabela 6.3, as informações sobre raça/cor, educação dos pais e mães dos informantes. Nesse sentido, notamos que, entre os homens entrevistados, 58,16% e 78,51% dos pais na amostra A e B, respectivamente, não são brancos. Quando se trata das mulheres, 69,21% e 79,35% dos pais também não são brancos.

A escolaridade dos pais foi analisada a partir da pergunta: qual o grau mais elevado completado pelo seu pai (sua mãe)? A tabela mostra que a grande maioria dos pais e mães (tanto de homens como de mulheres) tem escolaridade igual ou inferior à 4ª série, ou seja, a primeira parte do ensino fundamental.

Na Tabela 6.4, apresentamos a média dos anos de escolaridade do informante segundo as categorias das diferentes variáveis explicativas socioeconômicas. A tabela contém a média educacional da amostra segundo sexo, na qual é possível observar que homens e mulheres apresentam resultados muito próximos, tanto na amostra A quanto na B, com uma vantagem de 1,01 anos de escolaridade média para os homens no questionário A e uma desvantagem de 0,14 anos no questionário B. Tal fato se explica pela grande proporção de homens com 4 anos de estudo no questionário B seguido, porém, de uma grande proporção de homens com 15 anos ou mais de estudo.

Em relação a essa mesma média, mas agora considerando as classificações de raça/cor do entrevistado, observamos que os amarelos possuem a maior média de escolaridade, tanto na amostra A quanto na amostra B. Em seguida estão os brancos e pretos nos questionários A e B, respectivamente. Os que apresentam menor escolaridade são os indígenas nos dois questionários.

ipal mostra um
ıtrevistador em
dessa diagonal
resenta a baixa
) o entrevistador
; pessoas que se
as como tal pelo
.o entrevistador,
ı também assim

assificação e da
é relativamente
sultado nos leva
ıo é coletada faz

:rvar, a partir da
mães dos infor-
tados, 58,16% e
rancos. Quando
são brancos.

ıual o grau mais
a grande maioria
aridade igual ou
ntal.

de do informante
oeconômicas. A
a qual é possível
próximos, tanto
de escolaridade
de 0,14 anos no
homens com 4
ande proporção

classificações de
n a maior média
seguida estão os
que apresentam

Tabela 6.3
Características paternas (raça/cor e educação) segundo sexo dos informantes – questionários A e B

Características paternas	Sexo do entrevistado			
	Questionário A		Questionário B	
	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
Raça/cor dos pais (mãe + pai)				
Branca + branco	41,84	30,79	21,49	20,65
Branca + preto	9,00	10,21	4,46	7,36
Branca + pardo	10,23	16,30	-	-
Preta + pardo	0,76	1,51	-	-
Parda + preto	2,38	7,05	-	-
Parda + pardo	17,99	10,91	-	-
Parda + branco	6,57	11,75	-	-
Preta + preto	7,43	8,50	21,06	25,36
Preta + branco	3,80	2,98	1,27	1,81
Morena + branco	-	-	2,95	1,66
Morena + preto	-	-	23,76	19,11
Preta + moreno	-	-	17,06	17,79
Morena + moreno	-	-	4,54	2,22
Branca + moreno	-	-	3,41	4,04
[N]	156	260	190	272

Educação dos pais	Educação do pai		Educação da mãe		Educação do pai		Educação da mãe	
	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
Nunca freqüentou	14,80	27,92	23,58	27,56	20,17	18,59	23,84	29,26
1ª a 4ª série	54,02	49,20	45,06	50,88	57,07	55,34	48,98	48,40
5ª a 8ª série	14,38	8,14	15,99	9,30	9,70	5,83	17,99	9,53
Algum ensino médio	7,82	10,22	12,22	8,95	10,34	10,87	6,61	6,80
Algum superior	8,99	4,52	3,15	3,32	2,73	9,37	2,57	6,02
[N]	163	262	181	290	171	233	195	266

Fonte: PRMBH, 2002.

É importante notar que a média educacional ao longo das coortes de nascimento varia muito, com as mais jovens apresentando uma substancial vantagem em relação às mais velhas, no questionário A. Por exemplo, a média dos anos de escolaridade da coorte dos nascidos entre 1972 a 1976 é de 9,513 nessa amostra, enquanto a coorte de nascimentos entre 1937 a 1941 é de 4,356, o que equivale a uma diferença de mais de 5 anos a favor da coorte mais jovem. Na amostra B, a relação entre a média educacional e as coortes não oferece um padrão claro, não sendo possível relacionar as duas variáveis (média de educação e idade, no questionário B). Esse resultado não é esperado, dado que a escolaridade tem aumentado nas coortes mais jovens em relação às mais velhas. É amplamente difundido na literatura o aumento do nível de escolaridade gradativo ao longo do século passado, aumento este refletido em maiores níveis educacionais entre as coortes mais jovens (Marteleto; Miranda, 2004).

A Tabela 6.5 apresenta a média de escolaridade dos informantes pelas características dos pais. Considerando primeiramente a educação, percebe-se que tanto o grau de escolaridade dos pais quanto das mães apresenta uma relação positiva com a média educacional dos filhos (informantes) nas duas amostras. Podemos observar, então, uma reprodução educacional (Pastore; Valle Silva, 2000), confirmando que, quanto menor a escolaridade dos pais, menor é a média de educação dos filhos. De uma forma geral, o informante (filho) apresenta uma média educacional maior do que a de seus pais, de acordo com a instrução que estes possuem. Por exemplo, de acordo com a Tabela 6.5, pais e mães com o ensino fundamental completo e que devem ter em média 8 anos de escolaridade, têm filhos com uma média de 11,623 e 11,031 anos de escolaridade (em média) no questionário A, e 10,449 e 9,142 anos no questionário B. Uma exceção é observada entre os pais (e não entre as mães) com ensino médio completo nas amostras A e B.

A Tabela 6.5 apresenta também variáveis construídas a partir das categorias de raça/cor dos pais e das mães, com o objetivo de investigar o impacto da combinação dessas variáveis no desempenho educacional do informante. Nove pares foram formados, entre pais e mães brancos, pardos e pretos, utilizando os questionários A e B. Os pais e mães amarelos e indígenas não foram considerados neste exercício. Considerando o questionário A, o primeiro casal formado, que é a categoria de referência, é composto por mãe e pai brancos; o segundo, por mãe preta e pai branco; o terceiro, por mãe parda e pai branco; o quarto, por mãe parda e pai preto; o quinto, por mãe preta e pai pardo; o sexto, por mãe e pai pretos; o sétimo, por mãe e pai pardos; o oitavo, por mãe branca e pai preto; e o nono, por mãe branca e pai pardo. A diferença em relação ao questionário B é de que, ao invés de pais e mães pardas, serão considerados os pais e mães que foram classificados pelo informante como moreno. Assim, bastou substituir, na formação dos nove diferentes casais, os pais e mães pardos pelos pais e mães morenos.

Tabela 6.4
Média de escolaridade pelas características do informante – questionários A e B

Sexo	Questionário A		Questionário B	
	Média	D.P	Média	D.P
Homem	8,579	4,098	7,674	4,277
Mulher	7,564	4,523	7,815	4,483
[N]	491		480	
Raça/Cor				
Branco (a)	8,093	4,215	7,831	4,513
Preto (a)	7,994	4,199	9,082	4,132
Pardo (a)	8,019	4,480	-	-
Moreno (a)	-	-	7,588	4,279
Indígena	6,000	-	2,000	-
Amarelo (a)	11,546	3,629	11,708	4,940
[N]	489		479	
Coorte de nascimento				
1972-1976	9,513	3,736	7,961	3,608
1967-1971	9,340	4,002	8,557	3,881
1962-1966	7,938	4,730	9,018	4,529
1957-1961	8,307	3,960	7,064	4,255
1952-1956	5,782	4,579	7,814	5,238
1947-1951	7,750	4,877	5,676	4,366
1952-1946	6,855	4,372	7,780	4,133
1937-1941	4,356	3,584	4,371	4,692
1936 e antes	4,656	4.257	4,637	4,204
[N]	404		416	

Fonte: PRMBH, 2002.

Tabela 6.5
Média de escolaridade dos informantes (filhos) segundo as características dos pais – questionários A e B

	Questionário A				Questionário B			
	Escolaridade do pai		Escolaridade da mãe		Escolaridade do pai		Escolaridade da mãe	
Escolaridade dos pais	**Média**	**D.P**	**Média**	**D.P**	**Média**	**D.P**	**Média**	**D.P**
Nunca freqüentou	4,273	3,635	5,143	3,753	4,302	3,892	4,721	3,736
1ª a 4ª séries	8,350	3,614	7,971	3,796	8,219	3,972	8,446	3,908
5ª a 8ª séries	11,623	3,140	11,031	2,807	10,449	3,277	9,142	3,762
Algum Ensino Médio	10,416	3,679	12,807	2,411	11,864	2,447	12,390	2,069
Algum Superior	13,361	2,051	12,671	1,986	13,252	2,484	12,800	2,415
[N]	398		439		383		437	
Raça/Cor dos pais	**Média**		**D.P**		**Média**		**D.P**	
Branca + branco	9,914		3,839		9,801		4,573	
Branca + preto	7,486		4,156		8,130		4,255	
Branca + pardo	9,336		4,334		-		-	
Preta + pardo	6,963		2,614		-		-	
Parda + preto	5,435		3,682		-		-	
Parda + pardo	9,280		3,959		-		-	
Parda + branco	6,603		4,311		8,192		3,842	
Preta + preto	5,412		3,667		7,278		4,178	
Preta + branco	5,223		4,526		5,075		4,864	
Morena + branco	-		-		6,223		4,423	
Morena + preto	-		-		7,891		3,722	
Preta + moreno	-		-		6,918		3,945	
Morena + moreno	-		-		7.439		4.271	
Branca + moreno	-		-					
[N]	389				441			

Fonte: PRMBH, 2002.

Utilizando essa combinação, a segunda parte da Tabela 6.5 apresenta a média de educação do informante pela raça/cor dos pais. Fica claro que mães e pais brancos têm filhos com uma média relativa de anos de escolaridade mais alta nos dois questionários. Em seguida vêm os filhos de mães brancas e pais pardos no questionário A e filhos de mães pretas e pais pretos no questionário B.

A e B

ionário B

Escolaridade da mãe	
Média	D.P
4,721	3,736
8,446	3,908
9,142	3,762
12,390	2,069
12,800	2,415
437	

D.P
4,573
4,255
-
-
-
-
-
3,842
4,178
4,864
4,423
3,722
3,945
4.271
441

apresenta a média
o que mães e pais
)laridade mais alta
ıncas e pais pardos
uestionário B.

Metodologia

A metodologia empregada neste trabalho é a equação de regressão por mínimos quadrados ordinários (MQO). A variável resposta utilizada é o total de anos de educação do indivíduo. Essa variável foi construída a partir de um algoritmo no qual foram utilizadas respostas sobre a freqüência escolar, o grau e o ano/série/período mais alto alcançado pelo indivíduo.

Formalmente, tem-se a seguinte equação (1):

$$X_i = \alpha + \beta D_i + v_i \qquad (1)$$

em que X corresponde aos anos completos de escolaridade; D é um vetor das características sociais, econômicas e demográficas; v_i é o termo do erro. As variáveis explicativas utilizadas foram: sexo, idade (a partir de coortes), raça/cor do informante e raça/cor e escolaridade dos pais do informante.

Resultados

A primeira análise de regressão incluiu as categorias da variável raça/cor do indivíduo, de acordo com as informações da autoclassificação (Modelo 1) e da percepção do entrevistador (Modelo 2). Não foram consideradas as informações de amarelos e indígenas, dado que tais categorias representam uma parte muito pequena da amostra. Os resultados estão apresentados na Tabela 6.6. O Modelo 1 apresenta as estimativas dos anos de escolaridade quando o entrevistado se autoclassificou como preto ou pardo, em relação aos que se autoclassificaram como brancos. Os dois coeficientes da primeira coluna mostram que os que se autoclassificaram como preto e pardo apresentam um desempenho no mercado educacional pior do que o dos brancos. E, ainda, que a desvantagem dos pretos é (bem) maior que a dos pardos.

Considerando agora as informações de raça/cor da percepção do entrevistador, o Modelo 2 apresenta os coeficientes de raça/cor de pretos e pardos, em relação aos brancos, nas estimativas dos anos de escolaridade dos informantes. Podemos perceber que os coeficientes são parecidos com aqueles observados no Modelo 1 dessa mesma tabela (Tabela 6.6). Quando o entrevistador classifica o informante como preto, notamos que a desvantagem educacional deste é menor do que quando o entrevistado se autoclassifica com essa raça/cor. Entre os que foram classificados como pardos, ocorre o contrário. Assim, ao considerar as informações da autoclassificação, concluímos que a diferença entre a desvantagem educacional de pardos e pretos, em relação aos brancos, é maior, ou seja, os pardos estão mais próximos dos brancos e os pretos estão mais distantes, quando utilizamos a autoclassificação da raça/cor do indivíduo.

Tabela 6.6
Coeficiente e desvio padrão de regressões por MQO - raça/cor de acordo com a autodeclaração do informante (Modelo 1) e percepção do entrevistador (Modelo 2) – questionário A

	Autoclassificação (Modelo 1)		Percepção do entrevistador (Modelo 2)	
	Coeficiente	Desvio padrão	Coeficiente	Desvio padrão
Raça/cor				
Branco(a) = omitida				
Preto	-3,80***	0,61	-3,48***	0,59
Pardo	-1,13**	0,44	-1,96***	0,42
R^2 ajustado	0,09		0,08	
[N]	364		420	

Fonte: PRMBH, 2002.
*** Significativo a 1%; ** Significativo a 5%; * Significativo a 10%
MQO: Mínimos Quadrados Ordinários

A Tabela 6.7 inclui as estimativas das variáveis adscritas do entrevistado (raça/cor, sexo e idade) e uma socioeconômica (educação dos pais), sendo que a diferença entre os dois modelos apresentados nessa tabela é novamente em relação às fontes de informações de raça/cor do entrevistado. A Tabela 6.7 mostra um resultado interessante relacionado com os coeficientes da Tabela 6.6. Os indivíduos que se autoclassificaram como pardos apresentam um desempenho educacional relativamente parecido ao dos brancos, quando as variáveis de sexo, idade do indivíduo e educação dos pais e das mães foram incluídas no modelo. Já os que se autoclassificaram como preto apresentam uma desvantagem na estimativa dos anos de escolaridade ainda bastante expressiva em relação aos brancos. O impacto negativo das categorias da raça/cor preto e pardo, nos anos de escolaridade, considerando a percepção do entrevistador, também se reduziu quando comparado com os coeficientes da Tabela 6.6. Esse resultado já era esperado, pois o modelo agora conta com mais variáveis explicativas. No entanto, a desvantagem educacional dos pretos e pardos ainda é forte e significativa, sendo que os pretos continuam em pior situação do que os pardos, se comparados com os brancos.

Tabela 6.7
Coeficiente e desvio padrão de regressões por MQO - raça/cor de acordo com a autodeclaração do informante (Modelo 1) e percepção do entrevistador (Modelo 2) – questionário A

	Autodeclaração (Modelo 1)		Percepção do entrevistador (Modelo 2)	
	Coeficiente	Desvio padrão	Coeficiente	Desvio padrão
Mulher	-0,35	0,36	-0,08	0,33
Raça/cor				
Branco(a) = omitida				
Preto	-2,12***	0,53	-2,85***	0,51
Pardo	-0,67*	0,38	-1,29***	0,36
Coortes de nascimentos				
1976-1972 = omitida				
1971-1967	0,40	0,61	0,18	0,55
1966-1962	0,38	0,69	0,30	0,62
1961-1957	0,21	0,60	-0,06	0,56
1956-1952	-1,30*	0,71	-1,72***	0,65
1951-1947	-0,62	0,75	0,85	0,68
1946-1942	-0,74	0,68	-0,95	0,62
1941-1937	-2,40***	0,86	-3,30***	0,74
1936 e antes	-2,47***	0,66	-2,95***	0,61
Educação da mãe				
Nenhuma instrução=omitida				
1ª a 4ª série completa	0,56	0,41	0,92**	0,37
5ª a 8ª série completa	0,82	0,92	-1,11	0,81
Ensino médio completo	3,69***	0,88	3,62***	0,75
Ensino superior	4,63***	1,59	4,51***	1,55
Educação do pai				
Nenhuma instrução=omitida				
1ª a 4ª série completa	2,44***	0,44	2,22***	0,39
5ª a 8ª série completa	4,13***	0,90	3,37***	0,78
Ensino médio completo	3,50***	0,85	3,01***	0,78
Ensino superior	2,74**	1,14	2,72***	1,01
Constante	6,43***	0,62	7,00***	0,59
R^2 ajustado	0,40		0,40	
[N]	364		420	

Fonte: PRMBH, 2002.
*** Significativo a 1%; ** Significativo a 5%; * Significativo a 10%

A categoria omitida da variável sexo é o homem. Ao analisar o Modelo 1 da Tabela 6.7, percebemos que os homens estão em uma pequena e não significativa desvantagem em relação às mulheres na explicação dos anos de escolaridade. Na análise de coorte, temos que a referência é a coorte 1 (adultos nascidos entre 1972 e 1976). Interpretando os resultados dessa variável, notamos que as duas coortes mais velhas, nascidas antes de 1941, apresentam um desempenho pior e significativo em relação à coorte de referência. As demais coortes não apresentam diferença na estimativa dos anos de escolaridade, quando comparadas com os adultos nascidos entre 1972 e 1976.

A última variável inserida na Tabela 6.7 foi a educação das mães e dos pais, separadamente (categoria omitida foi a de sem instrução). Considerando ainda o Modelo 1, percebemos que a escolaridade materna apresenta uma relação positiva com a estimativa dos anos de escolaridade do informante, principalmente quando consideramos os dois grupos de maior escolaridade (mães com ensino médio completo e superior completo). Isso porque apenas tais grupos apresentam diferença estatisticamente significativa em relação àquelas mães sem escolaridade. Quando observamos os coeficientes de educação paterna, temos que todos os níveis de escolaridade, em relação ao pais sem escolaridade, apresentam um impacto positivo e significativo nos anos de escolaridade dos filhos.

Ao considerarmos a percepção do entrevistador (Modelo 2), é possível notar que as mulheres apresentam uma vantagem em relação aos homens, que não é significativa; as duas coortes mais velhas têm um desempenho pior do que a coorte de referência (adultos nascidos entre 1972 e 1976), que é a mais jovem; a educação materna apresenta um efeito positivo e significativo na estimativa de escolaridade dos informantes quando são consideradas mães com ensino médio completo e superior completo; e, finalmente, todos os níveis de escolaridade dos pais apresentam um impacto positivo e significativo na estimativa de anos de escolaridade dos filhos.

A Tabela 6.8 compara as respostas de raça/cor dos indivíduos nos dois questionários e mostra que os morenos apresentam uma desvantagem educacional em relação aos brancos, sendo a magnitude dessa desvantagem maior que a dos pardos (questionário A). Além disso, os indivíduos que se autoclassificaram como pretos continuam a ter um desempenho educacional bem pior que dos brancos e morenos.

A Tabela 6.9 apresenta as estimativas dos anos de escolaridade dos informantes incluindo apenas as informações de raça/cor da autoclassificação e as combinações de casais formados por pais e mães, para os dois questionários. Analisando os coeficientes dessas combinações, percebemos que todos apresentam sinal negativo. Assim, os filhos de pais e mães brancos apresentam o melhor desempenho educacional em relação aos demais.

Tabela 6.8
Coeficiente e desvio padrão de regressões por MQO - raça/cor do informante por amostra

	Questionário A		Questionário B	
	Coeficiente	Desvio padrão	Coeficiente	Desvio padrão
Raça/cor				
Branco(a) = omitida				
Preto	-3,80***	0,61	-3,52***	0,75
Pardo	-1,13**	0,44	-	-
Moreno	-	-	-1,68***	0,44
Constante	8,53***	0,31	8,42***	0,34
R2 ajustado	0,09		0,06	
[N]	364		390	

Fonte: PRMBH, 2002.
*** Significativo a 1%; ** Significativo a 5%; * Significativo a 10%

Tabela 6.9
Coeficiente e desvio padrão de regressões por MQO - combinação de raça/cor dos pais

(continua)

	Questionário A		Questionário B	
	Coeficiente	Desviopadrão	Coeficiente	Desvio padrão
Raça/cor				
Branco(a) = omitida				
Preto	-0,32	1,02	-0,87	1,06
Pardo	0,21	0,59	-	-
Moreno	-	-	0,03	1,09
Raça/cor dos pais (mãe + pai)				
branco + branco = omitida				
Branca + preto	-5,66***	1,30	-2,47*	1,28
Branca + pardo	-3,54***	0,77	-	-
Preta + pardo	-4,48***	1,17	-	-
Parda + preto	-2,33	2,33	-	-
Parda + pardo	-0,46	0,80	-	-
Parda + branco	-0,94	0,73	-	-
Preta + preto	-5,57***	1,32	-4,89***	1,73

Tabela 6.9
Coeficiente e desvio padrão de regressões por MQO - combinação de raça/cor dos pais

(conclusão)

	Questionário A		Questionário B	
	Coeficiente	Desvio padrão	Coeficiente	Desvio padrão
Preta + branco	-2,94***	0,96	-1,93*	1,09
Morena + branco	-	-	-1,93***	0,66
Morena + preto	-	-	-1,92	1,87
Preta + moreno	-	-	-5,84***	1,65
Morena + moreno	-	-	-3,74***	0,72
Branca + moreno	-	-	-1,93***	0,74
Constante	9,12		9,38***	0,41
R^2 ajustado	0,20		0,11	
[N]	307		366	

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados da PRMBH 2002
*** Significativo a 1%; ** Significativo a 5%; * Significativo a 10%

Os resultados da Tabela 6.10 incluem as estimativas das variáveis de raça/cor do informante e combinações de raça/cor dos pais, além de estimativas de variáveis como sexo, idade do indivíduo e educação dos pais, para os questionários A e B. Os coeficientes das combinações de raça/cor do pai e da mãe continuam com sinal negativo, contudo, apresentam valores absolutos menores.

Tabela 6.10
Coeficiente e desvio padrão de regressões por MQO - combinação de raça/cor dos pais

(continua)

	Questionário A		Questionário B	
	Coeficiente	Desvio padrão	Coeficiente	Desvio padrão
Mulher=1	-0,58	0,38	-0,46	0,35
Raça/cor				
Branco(a) = omitida				
Preto	-0,30	0,86	-0,70	0,89
Pardo	0,17	0,50	-	-
Moreno	-	-	0,16	0,47
Raça/cor dos pais (mãe + pai)				
branco + branco = omitida				
Branca + preto	-4,53***	1,13	-1,39	1,09

Tabela 6.10
Coeficiente e desvio padrão de regressões por MQO - combinação de raça/cor dos pais

(continua)

	Questionário A		Questionário B	
	Coeficiente	Desvio padrão	Coeficiente	Desvio padrão
Branca + pardo	-2,58***	0,66	-	-
Preta + pardo	-2,21**	1,06	-	-
Parda + preto	-0,68	1,97	-	-
Parda + pardo	-0,35	0,67	-	-
Parda + branco	-0,63	0,62	-	-
Preta + preto	-3,01***	1,13	-3,84***	1,46
Preta + branco	-1,57*	0,82	-1,08	0,93
Morena + branco	-	-	-1,67***	0,57
Morena + preto	-	-	-0,13	1,57
Preta + moreno	-	-	-3,39**	1,38
Morena + moreno	-	-	-2,87***	0,62
Branca + moreno	-	-	-1,37**	0,64
Coortes de nascimentos				
1976-1972 = omitida				
1971-1967	0,43	0,64	0,56	0,76
1966-1962	0,63	0,72	0,50	0,65
1961-1957	0,05	0,65	0,75	0,69
1956-1952	-1,15	0,74	0,93	0,66
1951-1947	-0,06	0,78	-0,75	0,75
1946-1942	-0,38	0,72	-0,41	0,97
1941-1937	-1,55*	0,92	-1,28	1,08
1936 e antes	-2,10***	0,71	-1,56**	0,69
Educação da mãe				
Nenhuma instrução = omitida				
1ª a 4ª série	0,59	0,43	1,58***	0,42
5ª a 8ª série	0,87	0,91	3,49***	1,01
Algum ensino médio	3,74***	0,88	3,20***	1,03
Algum ensino superior	4,07**	1,82	4,26***	1,22
Educação do pai				
Nenhuma instrução = omitida				
1ª a 4ª série	2,13***	0,47	1,86***	0,43
5ª a 8ª série	4,01***	0,89	3,76***	1,07
Algum ensino médio	3,72***	0,89	2,89***	0,95

Tabela 6.10
Coeficiente e desvio padrão de regressões por MQO - combinação de raça/cor dos pais

(conclusão)

	Questionário A		Questionário B	
	Coeficiente	Desvio padrão	Coeficiente	Desvio padrão
Algum ensino superior	2,29**	1,16	3,41***	1,10
Constante	6,90***	0,66	6,47***	0,74
R^2 ajustado	0,46		0,40	
[N]	307		365	

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados da PRMBH 2002.
*** Significativo a 1%; ** Significativo a 5%; * Significativo a 10%

Conclusão

A escolaridade do indivíduo é influenciada por um amplo conjunto de variáveis, o que torna a sua análise consideravelmente complexa. Em muitas áreas, como as ciências sociais e econômicas, são ressaltados a relevância da educação formal e o papel das variáveis associadas a ela. Os fatores geralmente considerados nessa explicação são o sexo, a idade, a raça/cor, a renda, entre outros. Além disso, as características de origem social, como educação e ocupação dos pais, são muito importantes, assim como a dedicação dada aos filhos, na medida em que contribuem para a obtenção de capital cultural e social destes. Também são mencionadas características de difícil mensuração, como habilidade, força de vontade e sorte, na explicação da escolaridade do indivíduo.

A dificuldade de classificar a raça/cor dos indivíduos ocorre porque raça/cor é uma característica socialmente construída, relacionada com poder e que varia em relação a de muitas características, inclusive a de quem a está definindo. Na tentativa de melhor entender como esse processo de determinação da raça/cor é associado à escolaridade do indivíduo, este trabalho examinou tal relação usando informação de raça/cor coletada de duas formas diferentes.

Este capítulo foi dividido em duas partes. Na primeira, analisamos se a forma de coletar as informações de raça/cor do informante afeta de maneira distinta as estimativas de anos completos de estudos. Foi observado que tais estimativas são diferentes quando é considerada ora a autoclassificação do informante, ora a percepção do entrevistador. Os resultados desta parte do trabalho são diferentes de algumas evidências empíricas que confirmam a existência de discriminação racial no acesso à escolaridade. De acordo com a literatura, a discriminação racial na escolaridade se torna mais evidente quando a percepção do entrevistador é

considerada. Isso porque a autoclassificação pode subestimar essa discriminação devido à tendência ao "embranquecimento" na escolha da raça/cor do entrevistado por indivíduos com mais alto *status* socioeconômico. Ao contrário, o presente trabalho revela que existem sim diferenciais de escolaridade relativos à raça quando a informação de raça é coletada através da autoclassificação, mas também quando a percepção do entrevistador é considerada.

A segunda parte deste capítulo tratou de um experimento da variável raça/cor da PRMBH, alterando a opção pardo ou moreno. No primeiro questionário, a opção pardo é oferecida como uma das respostas para o entrevistador, e no segundo ela é substituída pela opção moreno. Quando comparamos as estimativas das categorias pardo *versus* moreno, nos questionários A e B, respectivamente, os últimos apresentam uma desvantagem educacional maior. Um caso especial ocorre quando as combinações raciais dos pais são levadas em conta. Nesse caso, as estimativas das categorias de raça/cor do indivíduo (filho) deixam de ser significativas, já que estas estão correlacionadas com as relativas às características adscritas dos pais.

Na literatura tradicional de estratificação, o papel das características paternas na escolaridade dos filhos sempre recebeu destaque e se sobressaiu em relação ao das características maternas. Isso porque o homem foi durante muito tempo predominantemente o responsável pela geração de renda do domicílio e pela determinação de *status* dos filhos, o que está relacionado com maior acesso ao ensino escolar e a um melhor *status* ocupacional. Enquanto isso, a mulher se ocupava principalmente das tarefas domésticas. Nas últimas décadas do século XX, esse cenário mudou parcialmente, e o papel das características maternas passou a ser mais destacado.

Nesse contexto, analisamos também o papel da mãe na escolaridade dos filhos e observamos que ele é tão importante quanto do pai. Assim, ao considerar a transmissão intergeracional de educação aos filhos, percebe-se, a partir deste trabalho, que os papéis materno e paterno são importantes. Levar-se em conta a educação materna se torna ainda mais importante dado o aumento significativo de domicílios chefiados por mulheres com seus filhos. Se grande parte das crianças hoje passa a maior parte de seu tempo vivendo com suas mães, e não com seus pais, não seria plausível pensarmos que todo o capital cultural e social mediador da relação origem-destino social seja atribuído à escolaridade e ocupação das mães, e não dos pais? Acreditamos que estudos que avaliem o impacto das características paternas na educação dos filhos devem considerar também o papel das mães. A despeito das especificidades do trabalho feminino devido às suas várias transições do curso de vida, a inclusão de características maternas se torna ainda mais importante para estudos na área de mobilidade social, tendo origem e destino social como ponto de análise.

Notas

1 Apesar disso, a média de educação do brasileiro ainda é muito baixa se comparada a de outros países com mesmo nível de desenvolvimento. Ver Marteleto e Miranda (2004).

2 Para informações mais detalhadas sobre a origem do debate, ver Coleman (1966) e sua primeira aplicação em países em desenvolvimento (Heyneman; Loxley, 1983).

3 Outros fatores importantes, mas de difícil mensuração, são a habilidade, a força de vontade e a sorte.

4 Para uma revisão recente e abrangente das várias correntes teóricas relacionando raça a trajetórias educacionais, ver Kao e Thompson (2003).

5 Wade, citado por Telles (2003), afirma que os pretos muitas vezes se classificam como pardos, quando deixam as comunidades negras.

6 Quando a situação do indivíduo é analisada segundo a situação de seus pais, e/ou de seus avós, é possível estudar a mobilidade social, mais precisamente a mobilidade intergeracional. É relativamente comum comparar a ocupação dos pais com a dos filhos e saber sobre a mudança ou mobilidade social.

7 Para revisões importantes dos conceitos de capital cultural e capital social e suas relações com educação, ver Portes (1998) e Lamont e Laureau (1988).

8 No entanto, este trabalho optou por não utlitizar informações sobre o *status* ocupacional dos pais nem dos indivíduos.

9 Após o corte por idade maior que 24 anos, o total de questionários A e B se reduziu para 422 e 427, respectivamente.

10 Os pesos corrigem a não-resposta já que a amostragem probabilística não utiliza reposições. A amostra foi conduzida sem reposição e houve mais recusas ao questionário B do que ao A. O recurso a ser utilizado então foi a ponderação.

11 A proporção de mulheres é a mesma nos dois questionários devido aos pesos utilizados, que corrigem as amostras dos questionários A e B de modo que a proporção de pessoas em cada sexo seja a mesma em ambos os questionários.

12 No total, foram excluídos 15 indivíduos que se autoclassificaram ou foram classificados como amarelo ou indígena.

Referências

BLAU, P.; DUNCAN, O. *The American Occupational Structure*. New York: John Wiley and Sons, 1967.

BOSCH, K. V. D.; TAN, B. *Intergerational Mobility in Education During the 20th Century: a Cohort-analysis of Flemish Men*. Annual Conference of the European Society for Population Economics. Atenas, 2001.

BROUCKER, P.; LAVALLÉ, L. Getting Ahead in Life: Does your Parents Education Count? *Education Quarterly Review*, v. 5, n. 1, 1998.

CARVALHO, J. A.; WOOD, C. *A demografia da desigualdade no Brasil*. Rio de Janeiro: Ipea, 1988. 330 p.

COLEMAN, J. *Equality of Educational Opportunity (Coleman) Study (EEOS)*. Washington, D.C.: Departament of Health, Education and Welfare; Office of Education, 1966.

HEYNEMAN, S. P.; LOXLEY, W. A. The Effect of Erimary-school Quality on Academic Achievement Across Twenty-nine High- and Low-income Countries. American Journal of Education. *American Journal of Education*, v. 88, n. 6, p. 1162-1194, 1983.

KAO, G.; THOMPSON, J. Racial and Ethnic Stratification in Educational Achievement and Attainment. *Annual Review of Sociology*, n. 29, p. 417-442, 2003.

LAM, D.; DURYEA, S. Effects of Schooling on Fertility, LaborSupply, and Investment in Children with Evidence from Brazil. *Journal of Human Resources*, v. 34, n. 1, p. 160-192, 1999.

LAMONT, M.; LAREAU, A. Cultural Capital: Allusions, Gaps and Glissandos in Recent Theoretical Developments. *Sociological Theory*, p. 153-168, 1988.

MARTELETO, L. *The role of demographic and family change on children's schooling: evidence from Brazil*. Tese (Doutorado em Demografia), University of Michigan, 2001. 204 p.

MARTELETO, L.; MIRANDA, V. O. *Diferenças educacionais entre coortes de adultos no século XX*: o papel do sexo e da raça. Trabalho apresentado no XIV Encontro Nacional de Estudos Populacionais. Caxambú, MG: ABEP, 2004.

PASTORE, J.; VALLE SILVA, N. *Mobilidade social no Brasil*. São Paulo: Makron Books, 2000.

PORTES, A. SocialCapital: its Oorigins and Applications in Modern Sociology. *Annual Review of Sociology*, n. 24, p. 1-41, 1998.

SEWELL, W.; SHAH, V. Social Class, Parental Encouragement, and Educational Aspirations. *American Journal of Sociology*, n. 73, p. 559-572, 1968.

SOARES, J. F.; COLLARES, A. C. M. Recursos familiares e o desempenho cognitivo dos alunos de ensino básico brasileiro. *Dados*, Rio de Janeiro, v. 49, n. 615-650, 2006.

TELLES, E. E. *Racismo à brasileira*: uma nova perspectiva sociológica. Rio de Janeiro: Relume-Dumará; Fundação Ford, 2003. 347 p.

TELLES, E. E.; LIM, N. Does it Matter who Answers the Race Question? Racial Classification and Income Inequality in Brazil. *Demography*, v. 35, n. 4, p. 465-474, 1998.